

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E CONCEPÇÃO DE GRAMÁTICA VEICULADA NOS TEXTOS EDUCACIONAIS

TEACHING OF PORTUGUESE LANGUAGE AND DESIGN OF GRAMMATIC VEHICULATED IN EDUCATIONAL TEXTS

Jucenilton Alves dos **SANTOS** (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Brasil)

RESUMO: *Nos últimos anos, uma quantidade considerável de pesquisas vem mostrando que o ensino de Língua Portuguesa nas instituições de ensino brasileiras ainda privilegia os saberes relacionados à tradição da gramática normativa. Mas, a compreensão de língua progrediu no sentido de ser vista como instrumento de interação entre as pessoas. Os resultados dessas pesquisas mostram que, nas escolas, as atividades não são conduzidas no sentido de desenvolver as habilidades necessárias à plena competência dos saberes relativos aos usos sociais da língua. O presente trabalho tem como objetivo principal investigar a coleção heterogênea de saberes que envolvam gramática, texto e leitura que são transmitidos em sala de aula, observando os registros e as modalidades linguísticas que prevalecem nesse contexto específico.*

PALAVRAS-CHAVE: Texto; Leitura; Gramática

ABSTRACT: *In recent years, a considerable amount of research have shown that the teaching of Portuguese in the Brazilian educational institutions still favor the knowledge related to the tradition of normative grammar. But the understanding of language progressed towards being seen as instrument of interaction between people. The results of these studies show that, in the schools, the activities are not conducted in order to develop the skills necessary for the full competence of knowledge concerning the social uses of language. The present study aims at investigating the heterogeneous collection of knowledge involving grammar, reading and text that are transmitted in the classroom, observing records and procedures prevailing language in this specific context.*

KEYWORDS: Text; Reading; Grammar

1 Primeiras palavras

A gramática durante muito tempo foi concebida como objeto de valor pertencente apenas à classe detentora de poder, considerada elite. Até a linguagem utilizada para veiculá-la era enrustida de ideais que visavam cultivar a discriminação uma vez que era restrita apenas aos estudos normativos da gramática tradicional. Este conhecimento não estava ao alcance de todos, só à classe valorada como intelectual.

Hoje atribuída a ela novo caráter, e com o estudo também voltado para o uso, torna-se mais analítica e reflexiva. Porém, qual é o trato dado a ela enquanto disciplina que transcende as sínteses e fragmentos dos livros-textos? Será que tem assegurado uma aprendizagem significativa e prazerosa nos estudiosos desta área do saber? São questões pertinentes, visto que ela representa uma fonte de informação que gera o conhecimento.

Com esse enfoque, este artigo visa responder tais questões. Por meio da definição do conceito de gramática, relacionando-as de forma clara e objetiva, será feita uma análise de como seu estudo é veiculado nas instituições educacionais, que função tem tido o livro-texto nessas e se possibilita construir uma gramática humanizadora e geradora de saber.

Neste sentido, como justificativa à tese defendida, a utilização da gramática foi fundamentada numa visão “humanizadora”, em que, sua prática reflexiva e contextualizada, seja capaz de gerar ações que venham modificar a realidade de forma relevante, concepção embasada, principalmente por Sírio Possenti em *Por que não ensinar gramática na escola*; Carlos Franchi em *Mas o que é mesmo gramática?* João Wanderlei Geraldi em *A gramática na escola* e Dinah Callou em *Gramática, variação e normas*.

Examinaram-se informações coletadas dos livros-textos educacionais (MAIA 2002, AMARAL 2003 e CAMPADELLI 2002), comparando o nível de contextualização dos textos e o estudo de gramática proposto nos livros analisados às teorias propostas como pressuposto a este estudo.

Todas as informações foram encadeadas de maneira sistemática, de forma a possibilitar o alcance dos seguintes objetivos: a) analisar o estudo de gramática nas escolas e unidades que tratam do teor gramatical contidos nos livros-textos educacionais, bem como as propostas; b) verificar se as questões e/ou atividades possibilitam interação, construção do conhecimento de forma significativa e humanizadora por meio do estudo gramatical; c) examinar e identificar se é possível alguma metodologia que conduza uma aprendizagem significativa, em que o estudioso de gramática seja capaz de percebê-la como meio de reconhecer a realidade e modificá-la; d) analisar aspectos semânticos e sintáticos presentes em variadas gramáticas.

A partir do método utilizado foi possível perceber a dimensão tomada do estudo da gramática nas instituições de ensino ao utilizar os livros constituintes de conteúdos gramaticais como única fonte do saber e não como suporte.

2 Gramática

Segundo Neves (1987), desde o séc. III a.C. em Alexandria muitos intelectuais devotados ao trabalho de preservar e tornar conhecidos os trabalhos literários da época helênica se empenharam em descrever a língua dos textos para torná-los inteligíveis, conduzindo pouco a pouco à elaboração da primeira gramática da língua grega: a *tekhne grammatike*, de Dionísio Trácio.

Era para facilitar a leitura dos primeiros poetas gregos que os gramáticos publicavam documentários e tratados de gramática, que cumpriam duas tarefas: estabelecer e explicitar a língua desses autores (pesquisa) e proteger da corrupção esta língua ‘pura’ e ‘correta’ (docência), já que a língua quotidianamente falada nos centros do helenismo era considerada corrompida. E, servindo à interpretação e à crítica, realiza-se o estudo metódico dos elementos da língua e compõe-se o que tradicionalmente seria qualificado propriamente como gramática. (NEVES 1993, p.104-5)

A discussão em torno do conceito de gramática vem de muito tempo. São longos períodos decorridos na tentativa de defini-lo e, assim, motivados pela necessidade de um conceito que a especifique completamente, muitos estudiosos discutem e dão diversas dimensões a esta vertente do estudo da língua. Sírío Possenti (2000) afirma que a noção de gramática é controvertida e atribui a esta uma gama de conceitos. Segundo sua teoria,

No que segue, proponho que se aceite, para efeito de argumentação, que a palavra gramática significa *conjunto de regras*. Não é uma definição muito precisa, mas não é equivocada. [...] destacarei três maneiras de entender *conjunto de regras*, aquelas que parecem diretamente pertinentes às questões do ensino, no que é relevante atualmente, em decorrência de determinada tradição (que exclui, por exemplo, gramáticas funcionais). Assim, tal expressão pode ser entendida como: 1) conjunto de regras que *devem ser seguidas*; 2) conjunto de regras que *são seguidas*; 3) conjunto de regras que *o falante da língua domina* (POSSENTI, 2000, p. 62)).

De acordo a este conceito as duas primeiras maneiras de definir *conjunto de regras* referem-se ao comportamento oral ou escrito dos membros de uma comunidade linguística, no sentido de que as regras em questão dizem respeito à organização das expressões que eles utilizam. O terceiro modo de definir a expressão refere-se a hipóteses sobre aspectos da realidade mental dos mesmos falantes.

Carlos Franchi (1991) no texto “Mas o que é mesmo gramática?” em meio a uma análise sobre questões conceituais e uso da gramática em sala de aula conceitua gramática com base em três vertentes: a primeira normativista – “É o conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso da língua consagrado pelos bons escritores” (FRANCHI p. 48). Conceito este que apresenta variadas formas de restrições linguísticas no significado de gramática, de regras gramaticais e do grau de conhecimento de gramática, advindos de uma idéia formada a partir da base elitista de escritores especialistas e professores que preservam o estilo normatizado da fala e da escrita. A segunda vertente de base descritiva aponta os diferentes usos da linguagem com base na observação do que se vê e do que se ouve, demonstrando a ineutralidade do uso da linguagem de acordo com as condições regionais, idade, sexo e condições sociais, nesta visão gramática significa: “Um sistema de noções mediante as quais se descrevem os fatos da língua, permitindo associar a cada expressão a uma descrição estrutural e estabelecer suas regras de uso.” (FRANCHI p. 52). A terceira vertente conceitual apresentada pelo autor é de base humanista e internalizada, em que gramática corresponde ao “saber linguístico que o falante de uma língua desenvolve dentro de certos limites impostos pela sua própria dotação genética humana, em condições apropriadas da natureza social e antropológica.” (FRANCHI p. 54). Nesta visão de gramática interna continua-se considerando as diferenças entre a modalidade culta escrita da coloquial, porém, os conceitos e atitudes excluem a valorização de qualquer língua ou modalidade linguística em comparação a outra, ou a recriminação da modalidade inculta.

O equívoco da tradição foi fazer crer que a variedade padrão é um uso universalmente indispensável, mesmo porque as descrições sobre o uso padrão do português do Brasil são

insuficientes e apesar dos esforços de vários estudiosos, ainda não se construiu uma política clara de ensino da língua.

3 A gramática e o texto didático

Até muito pouco tempo atrás, na história da língua, o estudo de gramática nos livros didáticos era restrito ao estudo das regras gramaticais da gramática normativa, na vã ilusão de que todos se adaptem a um só modo de dizer e de que o padrão não se altere no tempo e no espaço. Mas também, alheio a um contexto, uma reflexão semântica ou uma análise crítica.

Em verdade, é necessário que se pense na língua realmente usada. Os livros didáticos deverão abrir espaço cada vez mais para a heterogeneidade da língua, como propõe Mattos e Silva (1995, 37) “uma pedagogia voltada para o *todo* da língua e não para algumas de suas formas”. É sabido que em todas as instituições e – sobretudo os cursos do ensino médio, incluem em sua grade o ensino de gramática. A questão é: Será que a forma como é tratada a gramática em sala de aula tem proporcionado o ensino-aprendizagem de maneira reflexiva? É exatamente nessa indagação que se insere a relação Gramática X Livro Didático. Callou cita o seguinte:

Há muito se discute, tanto nos meios acadêmicos quanto nos meios de comunicação, a questão da norma e, ligada a ela, a questão do empobrecimento do ensino e da aprendizagem de nossa língua. É verdade que essa crise não diz respeito apenas à língua portuguesa nem está restrita ao nosso país. Na França, nos Estados Unidos, na América Latina aponta-se essa mesma insatisfação, em todas as áreas de conhecimento e em todos os níveis de escolaridade, e resultados de exames vestibulares e de outros concursos são frequentemente citados para exemplificar a desestruturação do ensino (CALLOU, 2011, p. 13).

As instituições, em sua maioria, objetivadas nos vestibulares, restringem seus conteúdos didáticos às “regrinhas básicas” com intuito de aprovarem cada vez mais uma quantidade maior de alunos, e conseqüentemente mantêm o docente e o discente presos a uma fonte que deveria ser apenas um apoio – o livro didático – e a unilateralidade do estudo apenas à variedade padrão da Nomenclatura Gramatical Brasileira.

4 Estudo da problemática da gramática nos livros didáticos (análises)

Análise I - Introdução à Gramática e Noções de Variação Linguística

Nesta seção nos atentaremos à obra de Amaral¹ (2003) e as frases a seguir na tabela apresentam as mesmas palavras, ordenadas, em cada caso, em uma sequência diferente.

Tabela 1

¹AMARAL, Emília, [et. Al]. Novas Palavras: Português – Ensino Médio. Literatura, gramática e redação. Volume único. 2.ed. São Paulo: FTD, 2003. P. 328 – 334.

1 – um dá cigarro me	2 – me dá um cigarro
3 – me um dá cigarro	4 – me cigarro um dá
5 – dá-me um cigarro	

Podemos concluir que apenas as sequências **2 a 5** têm “sentido”, isto é, transmitem ao leitor uma idéia compreensível.

Agora leia este poema:

PRONOMINAIS

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da nação brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro
(Oswald de Andrade, 2003)

Comparando o primeiro e o último versos do texto, vemos que a gramática referida no segundo verso do é a que normalmente se ensina nas escolas e que se denomina gramática normativa. A comparação feita entre o primeiro e o último versos exemplifica uma das várias diferenças existentes entre a língua que a gramática “Do professor e do aluno / e do mulato sabido” considera “correta” e a língua efetivamente falada por grande parte das pessoas. Percebemos que para se realizar interações comunicacionais, o sujeito não precisa, necessariamente, dominar as regras da “gramática escolar”. Ele utiliza uma “gramática natural”, que permite a construção *me dá um cigarro*, mas não admite, por exemplo, a construção *me cigarro um dá*. Quer dizer, essa “gramática natural” (da natureza da língua humana) possui um “sistema de regras que formam a estrutura da língua, e que os falantes interiorizam ouvindo e falando” (CUNHA e CINTRA, 1985).

Podemos, assim, conceber a ocorrência de “duas gramáticas” sendo elas: a **natural**, cujas estruturas e regras todos os falantes conhecem e utilizam no dia-a-dia, e a **normativa**, que pode ser descrita assim: conjunto sistemático de normas/regras para escrever e falar de acordo com o padrão culto da Língua Portuguesa.

Variações linguísticas

Todo sujeito que fala um certo idioma conhece as estruturas/regras gerais de funcionamento dele. Isso não significa, assim, que todos os falantes de uma língua a utilizem de forma rigorosamente igual. Existe um variado número de fatores (idade, grupo social,

sexo, grau de escolaridade, etc.) que interferem na maneira individual que o falante tem de se expressar.

Dizemos, desta forma, que em um idioma ocorrem variações linguísticas.

De forma bastante simplificada, podemos considerar a existência de três tipos gerais de variações, como mostra a tabela:

Tabela 2

TIPO	ASPECTO AO QUAL SE RELACIONA
Variação sociocultural	Relaciona-se ao grupo social a que o falante pertence;
Variação geográfica	Relaciona-se à região em que o falante vive durante um certo tempo;
Variação histórica	Relaciona-se à época em que o falante vive;

EXERCÍCIOS²

Leia esse poema.

AULA DE PORTUGUÊS³

A linguagem
na ponta da língua
tão fácil da falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada das estrelas,
sabe lá o que quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,

² Os exercícios aqui utilizados são apenas ilustrativos pois sabemos que existe uma grande variedade já produzidos e a produzir dentro desta temática.

³ Carlos Drummond de Andrade. Boitempo. Rio de Janeiro, Record, 2012.

e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas
atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, o mistério.

Em relação a esse texto, responda aos itens a seguir.

- A que linguagem fazem referências as estrofes 1 e 4? E as estrofes 2 e 3? Justifique sua resposta com passagens das próprias estrofes.
- De acordo com o *Dicionário Aurélio século XXI*, a palavra **esquipático** talvez tenha surgido da junção das palavras **esquisito** e **antipático**. Considerando essa possibilidade, estabeleça uma relação entre **esquipáticas** (verso 11) e o conteúdo da 3ª estrofe.
- Explique o último verso do poema: “O português são dois; o outro, mistério”.

Como exposto acima, verifica-se que os autores deste livro dividem a obra em áreas com vinte e sete capítulos de Literatura, vinte e três capítulos de Gramática e vinte e quatro capítulos de Redação e Leitura com conteúdos que abrangem as três séries do ensino médio. O estudo gramatical é iniciado com uma breve análise sobre os termos Gramática e Variações Linguísticas de forma a promover no aluno uma nova visão do estudo de gramática, e uma reflexão sobre o preconceito linguístico e as variantes da língua com o enfoque no estudo para uma gramática enquanto processo ativo de construção do conhecimento, defendido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa no qual o estudante da língua realiza um processo ativo de compreensão e uso da Língua Portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Entretanto, o primeiro exercício posposto ao conteúdo acima, centra-se na compreensão textual e deixa de lado a interpretação e a criticidade do educando, visto que, ao colocar um poema: texto de teor abstrato, que propiciaria uma riquíssima reflexão sobre o tema anteriormente apresentado, os autores dantes mencionados não exploram as opiniões dos mesmos, pois se limitam a um número bastante reduzido de questionamentos, apenas três, sendo que uma das questões é de extração da resposta do próprio texto.

Análise II - Processos de formação de palavras

O livro analisado nesta seção é o de Campadelli e Souza⁴ (2002) e antes de iniciar o estudo da formação das palavras vamos fixar alguns conceitos que permitem compreender mais adequadamente os processos que originam os vocábulos em nosso idioma.

Para isso, leia este pequeno texto.

MAR SANGRENTO⁵

A foca-da-groelândia é um dos mamíferos marinhos mais caçados do mundo. O Canadá está entre os poucos países que permitem a matança e onde o governo fornece subsídios e estabelece uma cota para a caça. Em 2003, o número foi recorde – 350 mil animais – mas, segundo os ambientalistas, as mortes vão muito além. Várias focas atingidas escapam para morrer logo depois e os filhotes órfãos não conseguem sobreviver.

Veja a constituição destas palavras do texto:

mar - Palavra que veio diretamente do latim (maré), ou seja, não se originou de outra palavra já existente em português. Por esse motivo, é denominada **palavra primitiva**.

marinhos – Formou-se da primitiva **mar**, com acréscimo do sufixo **-inho**. A esse tipo de palavra, que se origina de uma única outra preexistente, dá-se o nome de **palavra derivada**.

sobreviver – Formou-se da primitiva **viver**, com o acréscimo do prefixo **sobre-**. Trata-se, portanto, de uma derivada.

foca-da-groelândia – Originou-se da reunião de **foca**, **da** e **Groelândia**. Esse tipo de palavra, formada pela reunião de duas ou mais palavras ou radicais, classifica-se como **composta**.

Processos de formação de palavras

Derivação

É um processo que dá origem a uma palavra – a derivada – a partir de uma única outra já existente no idioma.

Esse processo pode ocorrer de cinco maneiras, como veremos a seguir.

a. Derivação prefixal

Observe a estrutura da palavra *refazer*.

⁴ CAMPEDELLI, Samira yousseff e SOUZA, Jesus Barbosa. Português, Literatura, produção de Textos e Gramática. Volume único. 3ª ed. SP: Saraiva, 2002. pp. 282-284.

⁵ Revista Superinteressante. São Paulo, Abril, agosto de 2003.

re + fazer → refazer

É fácil verificar que *refazer* formou-se pelo acréscimo de um **prefixo** ao radical da palavra primitiva. Esse processo denomina-se **derivação prefixal**.

b. Derivação sufixal

Considere a palavra *chuveiro*. Nela podemos identificar dois morfemas:

chuv + eiro → chuva

Ou seja, a palavra *chuveiro* formou-se pelo acréscimo de um **sufixo** ao radical da palavra primitiva. Esse processo denomina-se **derivação sufixal** ou **sufixação**.

c. Derivação parassintética

Considere a palavra *tarde* e observe os acréscimos:

tarde + ecer → “tardecer” não existe, como palavra, na língua.

em + tarde → “entarde” também não é uma palavra na língua.

Em + tarde + ecer → entardecer → palavra da língua portuguesa formada pelo acréscimo simultâneo de um prefixo e de um sufixo a um radical. Esse processo chama-se **derivação parassintética** ou **parassíntese**.

d. Derivação regressiva

Esse processo normalmente forma substantivos indicadores de ação, pelo acréscimo das vogais **a**, **e** ou **o** ao radical de verbos. Esquemáticamente:

Tabela 3

Verbo	radical	Vogal acrescida ao radical	Derivada regressiva
Criticar	critic	a	crítica

e. Derivação imprópria

Esse processo consiste em mudar a classe gramatical de uma palavra, sem se alterar sua forma. A palavra *verde*, por exemplo, seria assim apresentada em um dicionário: *verde* – adj – da cor mais comum nas ervas e nas folhas das árvores. Já no trecho: Onde estão os meus *verdes*? – a palavra *verde* é empregada como substantivo (o próprio nome da cor). Dizemos, por isso, que ocorreu uma Derivação imprópria: o adjetivo passou a substantivo (CAMPADELLI e SOUZA, 2002).

Composição

Esse processo subdivide-se em dois tipos:

a. **Composição por justaposição** – as palavras que se unem não sofrem alteração em sua grafia e em sua pronúncia.

Exemplos: pontapé (ponta + pé) pé-de-cabra

b. **Composição por aglutinação** – ocorre quando pelo menos uma das palavras que se unem sofre alteração.

Exemplos: lobisomem (lobo + homem) pernilongo (perna + longo)

Processos secundários

a. **Hibridismo** – consiste na formação de palavras pela reunião de morfemas de idiomas diferentes.

Exemplo: televisão (tele [grego] + visão [latim])

b. **Onomatopeia** – processo de formação de palavras que consiste na imitação de determinados ruídos.

Exemplo: smack! (beijo)

c. **Sigla** – reunião da(s) letra(s) das palavras que compõem um nome.

Exemplo: PUC (Pontificia Universidade Católica)

d. **Abreviação vocabular** – também chamado de **redução**, consiste na diminuição do tamanho de uma palavra até o ponto de não prejudicar seu significado.

Exemplo: fone (redução de telefone)

EXERCÍCIOS

Compare as palavras em destaque nestas duas frases:

1. Ele morou, por vários anos, em uma **ruazinha** próxima ao mercado.

2. Ele morou, por vários anos em uma **ruela** próxima ao mercado.

a. Essas duas palavras formaram-se pelo mesmo processo? Justifique.

b. Nessas palavras, o efeito semântico (de sentido) criado pelos morfemas **–[z]inha** e **–ela** é o mesmo? Justifique.

O assunto Processos de Formação de Palavras que compõe mais um capítulo do mesmo livro supracitado é apresentado de maneira cuidadosa, com a introdução por meio de um texto para uma seguida contextualização do conteúdo, mostrando que ao contrário do que se pensa em primeira vista, nem todas as palavras têm significados independentes. Os autores do livro mostram que o lexema *mar*, por exemplo precisa ser memorizado, mas no caso dos lexemas *marinho*, *sobreviver* e *foca-da-groelândia* é diferente: mesmo uma pessoa que jamais tenha visto esta palavra poderá deduzir o que ela significa. A possibilidade de combinar morfemas para criar novos lexemas torna bem menos penosa nossa necessidade de memorizá-los.

A seguir, são expostas as formas variantes formadoras de palavras, no entanto, apesar de Campadelli e Souza (2002) não explicar detalhadamente diferenças entre a estrutura formal e semântica é apresentada uma atividade e cobrada uma justificativa de significação.

Todos os processos de formação de palavras são apresentados e exemplificados de uma forma bem simples, sem citação dos empréstimos das outras línguas que acabaram por serem aportuguesados e renovados no léxico do português do Brasil por meio de adaptações mórficas, fonéticas e ortográficas como, por exemplo, *esporte* e *estresse* (do inglês *sport* e *stress*).

Percebe-se a superficialidade na exposição do conteúdo, talvez intencionalmente, mas que certamente causará no estudante mais curioso, certa inquietação para saber como se dá o processo de formação de palavras como *deletar*, *internauta*, *plugar*, etc. muito utilizadas na língua portuguesa atual.

Análise III – Morfologia/ Substantivo

As palavras, dependendo de sua finalidade de acordo com Maia⁶ (2002), constituem determinados grupos, denominados **classes morfológicas**.

Na língua portuguesa, existem dez classes gramaticais: seis constituídas por *palavras variáveis*, isto é, palavras cujas formas podem ser alteradas, e quatro constituídas por *palavras invariáveis*.

Tabela 4

Classes gramaticais formadas por palavras variáveis		Classes gramaticais formadas por palavras invariáveis	
1. Substantivo	4. Numeral	1. Advérbio	3. Conjunção
2. Adjetivo	5. Pronome	2. Preposição	4. Interjeição
3. Artigo	6. Verbo		

CONCEITO: substantivo é a palavra que dá nome aos seres em geral.

Observe algumas palavras desse trecho:

Jovelino → nome de pessoa

Goiás → nome de lugar

promissão → nome de ação

enxada → nome de objeto

cobiça → nome de sentimento

CLASSIFICAÇÃO DO SUBSTANTIVO

a. Comum e próprio

Comum	Próprio
Denomina todos os seres de uma mesma espécie.	Dá nome a um único ser de uma determinada espécie.

⁶ MAIA, João Domingues. Português. Volume único. Série: Novo Ensino Médio. S.P: Ática, 2002. P. 265-269.

b. Concreto e abstrato

Concreto	Abstrato
Nomeia os seres propriamente ditos: pessoas, animais (reais ou imaginários), lugares, objetos, coisas e entidades (ex.: Deus, fada, bruxa)	Nomeia ações (ex.: combate), sensações físicas (ex.: frio, dor), sentimentos (ex.: saudade), qualidades/defeitos (ex.: beleza) e estados (ex.: vida).

c. Coletivo – é o substantivo comum que, mesmo estando no singular, dá nome a um conjunto de seres de uma mesma espécie, exemplo:

A alcatéia atacou ferozmente o rebanho.

↑
Coletivo de lobos

↑
coletivo de bois e ovelhas

Flexão do substantivo (CAMPADELLI e SOUZA, 2002)

O substantivo é uma *palavra variável*, isto é, sua forma pode ser modificada. As flexões podem ser de **gênero**, **número** ou **grau**.

Gênero do substantivo: quanto ao gênero o substantivo pode ser *masculino* ou *feminino*. É masculino todo substantivo ao qual podemos antepor o artigo (o) e é feminino todo substantivo ao qual podemos antepor o artigo (a). quando o substantivo designa seres vivos, em geral o gênero coincide com o sexo. Exemplo:

menino → ser do sexo masculino – substantivo do gênero masculino.

vaca → ser do sexo feminino – substantivo do gênero feminino.

Número do substantivo: é a flexão do substantivo que exprime a quantidade de seres que ele nomeia. Existem dois números: singular e plural.

Formação do plural

a. Plural dos substantivos simples depende de sua terminação no singular.

b. Plural dos substantivos compostos é a reunião das formas de plural das palavras que o constituem. Na formação do plural do substantivo composto, palavras que não têm plural evidentemente permanecem com a mesma forma do singular. Exemplo:

sempre-viva → *sempre* não tem plural

viva → *vivas* = *sempre-vivas*

Grau do substantivo: a flexão de grau do substantivo indica as variações no tamanho do ser. Além do grau normal, o substantivo pode estar no aumentativo ou no diminutivo.

As formas aumentativas e diminutivas podem ser expressas pelo processo sintético quando se ligam ao substantivo sufixos aumentativos ou analítico quando se juntam ao substantivo as palavras *grande* ou *pequeno*. Exemplo:

Sintético: barcaça, filhote.

Analítico: barca grande, filho pequeno.

EXERCÍCIOS

1. Fazendo as adaptações necessárias, reescreva as frases a seguir, flexionando em gênero os substantivos destacados.

a. O filme narra a história de amor entre uma rica *duquesa* alemã e um charmoso *ladrão* de obras de arte.

b. O jovem *cavaleiro* recusou-se a receber o prêmio das mãos do *embaixador*.

c. O *padre*, o *monge* e o *frade* tinham opiniões diferentes a respeito do culto a *deuses* exóticos.

A obra de Maia (2002) apresenta um conteúdo bastante restrito e tradicional acerca do assunto substantivo.

O conceito apresentado pelo autor vem de encontro às palavras de José Carlos de Azeredo no livro *Fundamentos da gramática do português* que cita:

Um substantivo é apenas a expressão de um conceito ou denominador comum a um conjunto infinito de objetos que fazem parte da nossa experiência da realidade. Nesse sentido, os nomes de ações e processos – correr, inventar, chorar – são substantivos tanto quanto – borboleta, sombra e rapidez [...] com exceção dos nomes próprios, os conceitos expressos pelos substantivos são meras generalizações, não têm referência na realidade ou na nossa imaginação. (AZEREDO, 2002, p 74 – 75).

Partindo deste comentário de Azeredo conclui-se que só se pode dizer se uma palavra é substantivo ou não depois de analisar as múltiplas funções que ela exerce dentro do enunciado e as diversas relações que ela estabelece com o resto do texto. No entanto, na definição acima isto não é levado em conta, como se uma determinada palavra só pudesse pertencer sempre a uma mesma classe.

Quanto à flexão, o autor do capítulo analisado cita o grau como uma flexão gramatical e não como uma derivação, discordando de Mattoso Câmara Junior no livro *Estrutura da língua portuguesa*. Pois, segundo Mattoso “A expressão de grau não é um processo flexional em português, porque não é um mecanismo obrigatório, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si.” (MATTOSO, 1970, p. 83).

Para um leitor crítico os conceitos e definições acima podem não responder aos questionamentos de forma satisfatória.

5 Aspectos semânticos nas gramáticas

Na Nova Gramática do Português Contemporâneo, de Celso Cunha e Lindley Cintra, apenas no capítulo destinado ao estudo do advérbio é que há uma breve menção às características de significados de algumas palavras denotativas que por vezes são enquadradas impropriamente entre os advérbios, passaram a ter, com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, classificação à parte, mas sem nome especial. As palavras citadas na gramática de Cunha e Cintra podem denotar:

- Inclusão: até, inclusive, mesmo, também, etc.;
- Exclusão: apenas, salvo, senão, só, somente, etc.;
- Realce: cá, lá, é que, só, etc.;
- Repetição: aliás, ou antes, isto é, ou melhor, etc.;
- Situação: afinal, agora, então, mas, etc.

Segundo Cunha e Cintra tais palavras são difíceis de classificação e que na análise convém apontá-las como “palavra ou locução denotadora de exclusão, de realce, de retificação, etc.”.

Rocha Lima aborda a semântica no capítulo 30 (Funções da linguagem. Gramática e Estilística) do livro.

Enquanto a *Gramática* estuda as formas lingüísticas no seu papel de propiciarem o intercâmbio social na comunidade, cabe à *Estilística* estudar a expressividade delas, isto é, a sua capacidade de transfundir emoção e suggestionar os nossos semelhantes.

A Estilística abarca todas as camadas da língua: os sons, as formas e as construções. Daí três campos de atividade de acordo com Cunha e Cintra (1985), a saber:

Fônica
Estilística Léxica
 Sintática

Alguns fatos de Estilística Léxica

1. Denotação – Parte da significação de uma palavra que diz respeito à função representativa da linguagem.

Conotação – Refere-se à capacidade de uma palavra funcionar como exteriorização psíquica, ou apelo.

Uma e outra se combinam para compor a significação integral da palavra.

Não é difícil concluir que o exame da conotação se situa na área da Estilística, e só se precisa no contexto.

2. É na conotação que repousa, em grande escala, a escolha do termo adequado numa *série sinonímica*.

Melhor do que falarmos em sinônimos, será, pois, falarmos em – *séries sinonímicas*, isto é, grupos de palavras que têm uma significação geral comum, mas se distinguem por leves idéias particulares e se empregam em situações diferentes.

O que distingue os sinônimos, no plano da denotação, é o seu significado mais amplo, ou mais restrito: *educador, mestre, professor*.

O que os diferencia, no plano da conotação, prende-se ao efeito estético:

- a) Emprego usual, ou técnico: *vertigem e lipotímia*.
- b) Emprego corrente, ou literário: *criado e fâmulo*.
- c) Nobre, ou plebeu: *vísceras e tripas*.

Nestas condições, é a tonalidade afetiva que sobretudo orienta a eleição dos sinônimos.

3. No âmbito puro da denotação, é preciso levar em conta a *polissemia* – vale dizer a multiplicidade de sentidos imanentes em toda palavra, de que resulta que a sinonímia depende fundamentalmente do contexto.
4. Antônimos – palavras de significação diametralmente oposta.
Ora são termos de radicais distintos, ora possuem o mesmo radical, caracterizando-se um deles por um prefixo de valor negativo.
5. Homônimos – A rigor, só deveriam ser consideradas como tais aquelas palavras que, tendo origem diversa, apresentassem a mesma forma, em virtude de uma coincidência na sua evolução fonética.

No entanto, sem cogitar da origem das palavras, costuma-se entender sob essa designação *todas* as palavras que, possuindo forma idêntica, designem coisas distintas segundo Cunha e Cintra (1985):

- 5.1 Homônimos homófonos – apesar de terem as mesmas vogais e consoantes, se escrevem diferentemente.
- 5.2 Homônimos parônimos - são palavras de forma parecida, que, por isso, se prestam a frequentes confusões de emprego.

Observa-se os seguintes aspectos semânticos na gramática de Evanildo Bechara:

Lexicologia – estuda os lexemas, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes.

Lexema – Unidade linguística dotada de significado léxico, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralinguístico mediante a linguagem.

Levando-se em conta o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado), a lexicologia abarcará quatro disciplinas subsidiárias de acordo com Cunha e Cintra (1985):

- a) Lexicologia da expressão – estudo das relações entre vários significantes léxicos enquanto tais. Ex: amar – amante.
- b) Lexicologia do conteúdo – estudo das relações entre os significados léxicos enquanto tais: salário, ordenado, provento; sair *x* chegar. (sinônimos, antônimos).
- c) Semasiologia – estudo da relação entre os dois planos partindo-se da expressão para o conteúdo.
- d) Onomasiologia – estudo da relação dos dois planos, partindo do conteúdo. Ex: para o significado ‘dinheiro’ há os significantes prata, massa, erva, caraminguá, arame, mango.

Estudo estrutural do léxico: a Lexemática

Entende-se por *lexema* ou *semântica estrutural* o estudo da estrutura do conteúdo (“significado”) léxico.

Outras disciplinas semânticas – é justamente o estudo da estruturação das relações de significação que separa a lexemática de outras disciplinas, todas importantes, que, chamadas ou não “estruturais”, estudam a “semântica”, no sentido amplo do termo. Todo problema que lide com a significação é, em certo sentido, “semântico”; todavia, nem todo problema “semântico” é lexemático, pois este só diz respeito às relações estruturais, paradigmáticas e sintagmáticas, dos significados léxicos num mesmo sistema lingüístico, isto é, numa língua funcional.

Alterações semânticas

A semântica estrutural diacrônica é o estudo funcional das mudanças semânticas no léxico. É uma disciplina muito recente.

As palavras mudam de significado ou porque as coisas se modificam ou porque a “constelação psíquica” sob cuja influência nasce o sentido do objeto, se altera graças a causas diversas.

Causas que motivam a mudança de significação das palavras, as principais são:

- 1) Metáfora – translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados.
- 2) Metonímia- translação de significado pela proximidade de idéias.
- 3) Catacrese – translação do significado por esquecimento do significado original.
- 4) Braquilogia ou abreviação – as diversas acepções de uma palavra devidas à elipse do determinante ou vice-versa.
- 5) Eufemismo – translação de sentido pela suavização da idéia.

- 6) Alterações semânticas por influência de um fato de civilização.
- 7) Etimologia popular ou associativa
É a tendência que o falante – culto ou inculto- revela em aproximar uma palavra a um determinado significado, com o qual verdadeiramente não se relaciona.

Espécies de alteração semântica

- a) Extensão do significado – prédio passou a designar qualquer edifício sem referência ao solo.
 1. Restrição ou especialização do significado. Ex: fortuna (destino bom ou mau) especializa seu sentido na direção positiva.
 2. Plenitude de significado. Ex: José mostrou-se um homem.
- b) Enobrecimento do significado
Ex: *emérito* (aplicado ao funcionário que se aposentava) significa hoje *distinguido, ilustre*.
 3. Degradação do significado (pejorativos)
Ex: *libertino* (=escravo liberto) passou a indicar o indivíduo devasso, sem pudor.
- c) Enfraquecimento do significado
Ex: *Bajular* era “levar alguém às costas”, o que enfatiza a idéia de servidão que tinha a palavra no início do seu emprego em expressões como “bajular o chefe”.

Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos

- 1) Polissemia – É o fato de haver uma só forma (significante) com mais de um significado unitário pertencentes a campos semânticos diferentes. É um conjunto de significados, cada um unitário, relacionados com uma mesma forma.
- 2) Homonímia – Propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação.
Ex: homem são / São Jorge.
Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com são nos exemplo dado.
- 3) Sinonímia – É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significado, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística.
- 4) Antonímia – É o fato de haver palavras que entre si estabelecem uma oposição contraditória, contrária ou correlativa.
- 5) Paronímia – É o fato de haver palavras parecidas na forma e diferentes no significado. Ex: *Tráfego* (trânsito) e *tráfico* (comércio).

6 Considerações finais

Ao desenrolar deste trabalho, propôs-se uma análise acerca da forma de como a gramática é veiculada nos livros-textos educacionais. Na discussão sobre os conceitos de gramática, ficou explícito que esta é fundamental para o bom desenvolvimento intelectual do ser humano e não apenas um processo de decodificação de sinais gráficos, desde que estimule a criatividade, a curiosidade e enriqueça a leitura de mundo do indivíduo. Para tanto, é necessário que seu estudo seja feito de forma crítica e participativa, tendo em vista a gramática como um instrumento em que o educando analise reflexivamente os conceitos e regras, indo além do que está escrito, para ampliar, desta forma, a sua visão de mundo.

Entretanto, a partir da análise de trechos de alguns livros didáticos selecionados como fonte de pesquisa, observou-se, que como acentuado nas hipóteses, a gramática é veiculada quase sempre como recorte do passado e de forma fragmentada por meio de regras específicas da gramática normativa. Exceto raras questões, que direcionam a uma determinada resposta, tolhendo, desta forma, a capacidade reflexiva do educando. Sabe-se que o uso apenas da gramática normativa nos livros didáticos, não é suficiente para se desenvolver um estudo crítico, e da forma como apresentada, não provoca curiosidade para que o educando a procure posteriormente.

Observou-se que o problema não está na escolha dos temas, visto que todos os livros analisados trazem assuntos interessantes para a clientela a qual se destina, e sim no fato de como os temas e conteúdos são elaborados e tratados a induzirem a uma pesquisa de respostas prontas e fragmentadas. Como se os conteúdos fossem verdades inquestionáveis, que denotam apenas uma possibilidade de resposta, tornando o estudo da gramática e sua interpretação analítica uma atividade desestimulante.

É sabido que os livros didáticos são um importante instrumento de trabalho para o educador, pois muitas vezes é o único acessível e disponível para os educandos. No entanto, cabe ao educador, utilizá-lo como suporte, retirando o que for interessante para a formação de indivíduos “pensantes” – tarefa árdua, mas que é possível de ser efetivada. Acredita-se que só assim haverá uma aprendizagem significativa em gramática.

Referências

AMARAL, Emília, [et. Al]. *Novas Palavras: Português – Ensino Médio. Literatura, gramática e redação*. Volume único. 2.ed. São Paulo: FTD, 2003. pp. 328 – 334.

ANDRADE, Oswald de. *Pau Brasil*. São Paulo, Editora Globo, 2003

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. rev e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CALLOU, D. M. I. Gramática, variação e normas. In: Vieira, S. R. & Brandão, S. F. (Orgs.). Ensino de gramática: descrição e uso. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 13-30.

CAMPEDELLI, Samira yousseff e SOUZA, Jesus Barbosa. Português_ Literatura, produção de Textos e Gramática. Volume único. 3ª ed. SP: Saraiva, 2002. pp. 282-284.

CUNHA, Celso e CINTRA Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo. Rio de Janeiro; Nova Fronteira: 1985.

FRANCHI, Carlos. Mas o que é mesmo gramática? In: LOPES, Harry Vieira (org). Língua Portuguesa – O currículo e a compreensão da realidade. São Paulo, SEE/CENP, 1991. (Projeto Ipê).

LAROCA, M.N.C. Manual de morfologia o português. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2003.

LIMA, Rocha. Gramática normativa da língua portuguesa: curso médio. 20ª Ed. Rio de Janeiro; Livraria José Olympio Editora, 1979.

MAIA, João Domingues. Português. Volume único. Série: Novo Ensino Médio. S.P: Ática, 2002. pp.334-335.

MATOSSO, C. Jr. Estrutura da Língua Portuguesa. 2. ed. Petrópolis RJ: Vozes Limitada, 1970.

MATTOS & SILVA, R. V. (1995) Fluxo e Refluxo: uma retrospectiva da lingüística histórica no Brasil. D.E.L.T.A., 4 (1): 85-113.

MORENO, C. Guia prático do português correto. Vol. 2 Porto Alegre: LP&M, 2003.

NEVES, M. H. M. *et al* (1993) Gramática de usos do português: análise do uso de algumas palavras de relação. In: Estudos Lingüísticos, XL. Ribeirão Preto: Instituição Moura Lacerda: 321-333.

POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2000.